

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

**O ARTESANATO KAINGANG NA T.I. XAPECÓ**

JULIANA TERESINHA DE OLIVEIRA

MARCOS ROBERTO FERNANDES

Trabalho apresentado como requisito para obtenção do título em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação dos profs. Evelyln Martina Schuler Zea e José Antonio Kelly Luciani. Terminalidade: Linguagens.

Florianópolis-SC

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 20 dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às 11:00 horas, na Sala Lantana do Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor José Antônio Kelly Luciani, Orientador e Presidente, professora Evelyn Martina Schuler Zea, coorientadora, Professora Hanna Limulja, Titular da Banca, e Professora Beatriz Pereira de Oliveira, Suplente, designados pela Portaria nº 39/HST/2014 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso dos acadêmicos Juliana Teresinha de Oliveira e Marcos Roberto Fernandes, subordinado ao título: "O Artesanato Kaingang na Terra Indígena Xapeco". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, os acadêmicos expuseram o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, os mesmos foram argüidos pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestaram os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo os candidatos recebido do Professor José Antônio Kelly Luciani, a nota final 8,5, da Professora Hanna Limulja, a nota final 8,5, e da Professora Beatriz Pereira de Oliveira, a nota final 8,5; sendo aprovados com a nota final 8,5. Os acadêmicos deverão entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 20 de novembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. J. Kelly

Prof. E. Schuler Zea

Prof. Beatriz P. de Oliveira

Candidato Marcos Roberto Fernandes, Juliana de Oliveira



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Marcos Roberto Fernandes e Juliana Teresinha de Oliveira \_\_\_\_\_, matrícula n.º 11104295 e 11104073 respectivamente \_\_\_\_\_, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **\_\_ O ARTESANATO KAINGANG NA T.I. XAPECÓ** \_\_\_\_\_, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 26 de março \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_  
Orientador(a)

## Sumário

Agradecimentos.....	5
Apresentação .....	6
1. Introdução: O povo Kaingang, a Terra Indígena Xaçecó, e o artesanato.....	7
2. O Artesanato Kaingang .....	10
2.1. Dualismo, marcas e pinturas kaingang.....	15
2.2. Modos de fazer as cestarias, matérias primas e o tempo.....	20
3. As matérias primas.....	25
3.1. O Cipó.....	25
3.2. A Taquaraçu.....	25
3.3. Taquara mança.....	25
4. Considerações finais: a importância do artesanato na T.I. Xaçecó.....	26
Bibliografia .....	27
Anexos.....	26

## Agradecimentos

Eu Juliana Teresinha de Oliveira agradeço primeiramente a Deus por minha vida e pela minha saúde e por essa grande oportunidade que ele tem me concedido, de estar onde estou no dia de hoje.

Agradeço aos meus irmãos que sempre me apoiaram, a nossa união fez com que eu entendesse que cada vez mais nos amamos de verdade e que não podemos viver sempre sozinhos.

Aos meus filhos amados Mateus e Ângelo que foram a razão da minha inspiração, da minha coragem para continuar e estar terminando este curso. Meus queridos filhos hoje agradeço ao senhor por ter confortado o coraçãozinho de vocês dois enquanto eu estava ausente, saibam meus amores que esta ausência que houve entre vocês e eu, no momento podem até não entenderem mas permaneci firme na batalha para que no futuro eu possa oferecer-lhes uma vida digna de ser vivida, e que esta saudade que passávamos vocês da mamãe e papai de vocês serviu apenas para nos unir mais ainda, saibam que vocês são tudo para mim, são minha razão de viver.

Agradeço também ao meu esposo por me amar me entender e estar sempre ao meu lado me apoiando, e incentivando e me acompanhar em meu caminho, sei e reconheço que não é fácil você deixar tudo de lado e dedicar-se somente ao meu sonho me ajudando, e cuidando sozinho de nossos filhos, abrindo mão de tudo para viver comigo, por isso posso dizer com toda a certeza que somos uma família muito abençoada e amada por Deus.

Minhas amigas e amigos de estudo. Foram quatro anos de luta juntos nos tornamos uma família, saibam que em tudo sou grata a vocês, muito me ajudaram me incentivaram a chegar até o fim com vocês, obrigada pelas bagunças pelos risos pelo ombro amigo que muitas vezes ao me deparar com alguma tristeza nem via quando ela se ausentava quando vocês me abraçavam. Agora o meu amor e carinho as minhas grandes amigas: Ivania, Terezinha, Adriana, Cenira, Solange, Elizamara, Tamara, Marieli, Janete, Cleci, Ivone, Claciane, também não posso esquecer dos colegas que estiveram comigo nesta caminhada em especial ao colega Marcos Fernandes que se propôs a fazer junto comigo essa pesquisa e superar os grandes desafios .

Agradeço ao artesão Cezario Pacifico e sua esposa, que com muito carinho me receberam em sua casa e me deram entrevista me ajudando nessa pesquisa e no repasse das informações que eu precisava, agradeço também aos professores da Escola Cacique Vanhkre, que cederam suas aulas para serem realizado os meus estágios, que já fazia parte do meu TCC. Aos professores: Daniel, Moacir, Jonatas, Graciela, Marcelo, Roseni, Andreia, Ana Paula, não posso em hipótese nenhuma deixar de citar o nome de uma grande professora que pra mim foi a peça fundamental para mim chegar onde cheguei, o meu obrigado a professora Ezoneide Alipio, que Deus te abençoe te dando tudo de bom em sua vida, pois reconheço se não fosse sua ajuda não estaria concluindo este curso então o meu muito obrigado a todos os professores em especial a você Ezoneide. De coração.

Agradeço a todos os professores da licenciatura, que por quatro anos vieram nos guiando que tiveram paciência, a Dorotheia por seu carisma e sua bondade, ao coordenador do curso Lucas, ao Murilo, ao professor Rivelino Barreto obrigado pela paciência e tempo que tiveram conosco.

E principalmente aos meus orientadores os profs. Eveyln Martina Schuler Zea e José Antonio Kelly Luciani, pela compreensão pelo respeito e dedicação que tiveram conosco até esse momento.

Enfim eu espero não estar sendo injusta e não estar esquecendo-se de nenhuma pessoa, se por acaso isso vier acontecer eu peço que me perdoem, saiba que os amo muito e dedico a todos esse trabalho direto e indiretamente.

Amém, e o meu muito obrigado meu grande e amado Deus.

Eu, marcos Roberto Fernandes, agradeço primeiramente a deus por ter nos ajudado nestes quatro anos de curso e nos dado a sabedoria para escrever o presente trabalho.

Quero também agradecer aos meus colegas indígenas kanhgang da terra indígena Xapecó S.C. e os colegas kanhgang do Rio Grande do Sul a turma da ênfase em direitos indígenas, ênfase em gestão ambiental, e minha turma que eu não podia deixar de agradecer a turma ênfase em linguagens, que nos deram importantes informações para este trabalho de conclusão de curso, e aos professores orientadores: Jose Antonio Kelly luciani e Evelyn Martina Schuler por ter nos orientado par o melhor trabalho possível.

Eu também agradeço minha família, meu pai Luciano Fernandes e minha mãe Maria de Lurdes Saruva dos Santos e minha filha Ester Pereira da Silva Fernandes (tėj) e meu filho Maico Douglas (kapir) Fernandes, e minha esposa Ivete Pereira da Silva que nestes quatro anos me incentivou bastante para minha formação na licenciatura.

Agradeço também aos professores da escola Paiol de Barro e ao diretor Valdecir que também contribuirão nas pesquisas deste trabalho.

Também quero prestar meus muitos agradecimentos a duas pessoas que foram fundamentais nas informações para mim sobre a cultura indígena kanhgang, pois com tudo o que aprendi sobre os costumes e crenças do povo kanhgang foi graças e essas duas pessoas que não se encontram mais neste mundo que são meus avos Rivaldina Luiz e Vicente Fòkaj Fernandes mas sei que estão no meio dos espíritos kanhgang nos observando que estamos tentando fazer com que a cultura kanhgang não seja esquecida e nossos artesanatos também.

E por fim a minha a colega Juliana Teresinha de Oliveira que aceitou este desafio, para que nos através deste trabalho possamos mostrar a importância hoje do artesanato kanhgag na terra indígena Xapecó.

## Apresentação

Somos indígenas Kaingáng, da Terra Indígena Xaçecó, município de Ipuacu, oeste do estado de Santa Catarina, fizemos nosso TCC em dupla, Marcos Fernandes e Juliana de Oliveira, acadêmicos do curso de LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Sou Marcos Roberto Fernandes, nascido na terra indígena xapecó, indígena kaingáng. Sempre me identifiquei com minha cultura e o modo de vida na terra indígena xapecó, cresci ouvindo as histórias de meus avós, Vicente fókaj Fernandes e Rivaldina Luis, sobre nossa cultura, histórias da comunidade, confecção de artesanatos, a liberdade do povo kaingang, o passado do nosso povo, histórias de animais relacionados a cultura kaingáng, participei também do ritual do kiki, um ritual sagrado, feito para os mortos.

Eu sempre procurei saber mais de minha cultura kaingáng, sou filho de Luciano Fernandes que é professor hoje na escola Cacique Vanhkre e de Maria de Lurdes Saruva Dos Santos, sou pai de dois filhos Ester e Maicon. Estudei na antiga escola Vitorino Kondá e me formei no ensino médio na escola nova Cacique Vanhkre.

Eu sou Juliana de Oliveira tenho 29 anos, nascida na cidade de Ipuacú, sou indígena kaingáng, casada com o kaingáng Valdecir Antonio dos Santos tenho dois filhos (Mateus Mã sã de dez anos de idade , e Angelo Fág Téj de cinco anos de idade ). Sou filha de João Francisco de Oliveira e Maria Eloir da Silva. Infelizmente nos dias de hoje eles já não estão mais comigo, mas tenho minha mãe de criação (Maria Geraldina Batista Ritter de 74 anos de idade). Tenho cinco irmãos (Julheta, Julhinha, Solange, Adão e Eva). Aos dezoito anos de idade estava concluindo o último ano do ensino médio na Escola Estadual Professor Anacleto Damiani de Abelardo luz, mas não pude concluir acabei então desistindo, retornei aos 25 cinco anos de idade para dar fim nos meus estudos na escola Cacique Vanhkre.



## **Introdução:**

### **1. O povo Kaingang, a Terra Indígena Xaçecó, e o artesanato.**

Nosso povo kaingang esta distribuído em 32 terras indígenas. No passado nós éramos conhecidos como guianas gualochos e coroados, mas ficou mesmo foi o nome kaingáng, que é o que somos hoje. Somos todos pertencentes ao tronco linguístico macro-jê vivemos do centro oeste ocupando as regiões mais ao sul do Brasil, nas áreas de araucárias, atualmente nos vivemos nos estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Ainda permanecemos em nossos próprios territórios que eram ocupados pelos nossos antepassados. Nós povo indígena kaingang, somos considerados um dos três maiores grupos indígenas do Brasil. Atualmente nossa população é de 30 mil indígenas.

A Terra Indígena Xaçecó esta localizada às margens dos rios Xaçecó e Xaçecozinho, hoje é situada geopoliticamente nos municípios de Ipuacu e Entre Rios, no oeste catarinense. Próximo também é encontrado o município de Xanxerê. Possui atualmente uma área de 15.623 hectares de terra, onde moram aproximadamente 6.000 índios vivendo em aldeias diferentes, Posto Xaçeco, Olaria, Serrano, Cerro Doce, Pinhalzinho, Agua Branca, Fazenda Soa José, Matão João Veloso, Paiol de Barro, Barro Preto Limeira Guarani e Baixo Samburá no total são 16 aldeias, junto com a população kaingáng vive um pequeno grupo de guarani, com uma população de 4.500 indivíduos.

Xaçecó foi uma Terra Indígena que sofreu muito com a disputa territorial entre Brasil e Argentina, foi uma época em que o governo implantou as colônias militares, para resolver os conflitos de fronteiras com a Argentina e parar as investidas dos indígenas nos campos já ocupados pela colônia, uma das colônias implantadas foi a de 1859, denominada “Colônia Xaçecó” situada nesta localidade. Nesta época são contratados “bugreiros” (homens que detinham conhecimento das matas desta região e conseguiam ter êxito em suas caçadas de indígenas) eles eram responsáveis pela pacificação dos indígenas, agiam com muita violência e sua função principal era exterminar os indígenas rebeldes. Foi o tempo em que se criaram os confinamentos indígenas, situados atualmente no oeste de Santa Catarina. Um cacique indígena neste tempo foi algoz do seu próprio povo, o cacique Vitorino Kondá, isto marcou a história Kaingáng, porque ele se uniu aos bugreiros e traiu os seus. Desta palavra “bugreiro”,

vem o termo “bugre”, pelo qual os indígenas ainda hoje são chamados na região, mas esta é uma denominação que os Kaingáng não gostam.

Em 1902 o Cacique Vankre vai até o governo da Província do Paraná que na época governava esta região e recebe deste a destinação da área de 50.000 há para os Kaingang, atualmente o nome deste cacique foi colocado na escola da sede da Terra Indígena em seu homenagem.

Não podemos esquecer ainda das investidas dos colonos (imigrantes que chegavam a região), com o intuito da pacificação do povo indígena mas fizeram uma grande devastação na mata da araucária, causando uma grande perda da nossa cultura.

Por causa de todas estas invasões e conflitos, a língua predominante em nossas aldeias é a língua portuguesa, a língua kaingang é falada praticamente somente pelas pessoas mais velhas. As crianças infelizmente não são fluentes na língua, mas entendem um pouco. Na escola são ensinadas as duas línguas, embora haja predominância da Língua Portuguesa.

No passado nós vivíamos em grupos e sobrevivíamos com nossas famílias somente com a caça, pesca e coletas de alimentos. Segundo a nossa tradição, na origem o povo teve dois irmãos que saíram do interior da terra: kamẽ e kanhru. Esses dois irmãos possuíam no corpo marcas que o diferenciam: kamẽ tinha como marca dois riscos e kanhru tinha um círculo. Desde então, o kamẽ não pode casar com outro kamẽ, nem kanhru com pode casar com outro kanhru, porque são considerados irmãos.

Como dito acima, o povo passou por varias mudanças devido a uma grande politicagem que foi colocada em nossas sociedades, mas apesar dessas grandes mudanças conseguimos superar as dificuldades, e continuamos preservando nossa identidade. Uma das formas de manter essa identidade é através do trançado de nossos ARTESANATOS. Igualmente, se hoje temos histórias é graças aos nossos kofa (pessoas mais velhas e sabias) que ainda preservam a nossa língua e nossa cultura.

Este trabalho, se propôs a trazer novas reflexões sobre os valores do artesanato cultural kaingáng ao mesmo tempo em que falamos desses artesanatos damos prioridade ao balaio mostrando que precisamos continuar valorizando a arte kaingáng, percebendo como o modo

de pensar e produzir o artesanato tem um papel na construção da sociabilidade kaingáng. A arte de fazer balaios pode ser visto como um fator de nossa identidade, pois cada povo tem suas especificidades com relação ao assunto, por exemplo, o modo do trançado, as matéria primas utilizadas, as cores, e o destino dado a esses artesanatos. Igualmente, esse trabalho pode contribuir a produção de materiais didáticos para a escolas indígenas em conjunto com a comunidade.

Somos um povo do passado, presente e futuro, pois conhecer o passado nos trás sabedoria e riqueza, tudo transforma-se no meio do artesanato, hoje podemos dizer que somos o que somos respeitamos as diversidades culturais, cientes de que é uma longa caminhada no sentido de revitalização do nosso artesanato.

## 2. O Artesanato Kaingang

Hoje na T.I Xapecó, o artesanato kaingang é de extrema importância no aspecto cultural pois, ele hoje é uma maneira de nos mostrar nossa identidade como indígena, principalmente com a confecção do balaio, arco e flecha, o anel entre outros. No entanto, o artesanato que ainda é feito com maior frequência é o balaio que ainda resiste o impacto cultural. Ele é confeccionado não somente para o lado cultural mas principalmente para a auto sustentabilidade familiar.

Desde muito cedo aprendemos a conviver com nossos familiares e respeitar nosso espaço dando valor aos nossos traços culturais. Com isso aprendemos a dar valor a nossa mãe natureza. A natureza sempre nos forneceu as práticas educativas e caminhos, mostrou que deveríamos nos planejar nos dias seguintes. A força do povo Kaingang vai além de uma fronteira, o universo nos domina com seus espíritos, nos guiando a ser um povo diferente, um povo que lutou e continua lutando pelos seus ideais. Hoje percebemos que esta prática se tornou educativa para reforçar cada vez mais a nossa cultura, enfim todos os valores que estão por trás de toda a diversidade.

Nos tempos idos, a língua materna acabou quase se dizimando do dia a dia do povo da T.I. Xapecó, por motivo deste impacto cultural que aconteceu. Hoje na aldeia ainda há pessoas que se mantêm com a comercialização do artesanato kaingang. Pois esses saberes culturais sempre estiveram presentes em nossas vidas. Tivemos ensinamento dos nossos antepassados, por isso damos a continuidade de toda a nossa história. Falar de todo esse contexto é algo que nos deixa muito motivados é mostrar um pouco de nossa tradição, é poder contribuir um pouco com o que temos de história, sabemos muitas histórias, mas muitas vezes não temos espaços, ou seja temos que respeitar outras regras que nos impõem. Quando se fala em artesanato, fala-se de uma forma de sobrevivência para muitas famílias do nosso povo kaingang. A comercialização do artesanato está presente faz muito tempo em nossas comunidades, e nesses últimos tempos tem crescido na sua importância econômica. Hoje nos damos conta que o artesanato é uma sustentabilidade, e que todas as práticas que temos é porque nossas famílias nos repassaram.

A arte indígena para o povo Kaingang tem um papel fundamental pois temos uma visão com um determinado olhar para o artesanato. Percebemos e agregamos grandes valores, porque o artesanato é feito com vários tipos de matérias-primas como taquara mansa,

taquaraçu e cipó guambé, e todas essas matérias primas nós buscamos na mata. Cada povo identifica-se nas sua própria arte, sendo assim, faz parte do orgulho de cada grupo étnico. Após a chegada dos Europeus nossa fabricação de artesanatos sofreu alterações. Após todas essas mudanças e transformações, nossos artesanatos passaram a ter valor de produtos e destina-se para grandes cidades. Toda a arte indígena é significativa pois faz parte da nossa cultura, cada povo indígena possui a sua arte pois uma das maneiras de nos identificarmos.

O artesanato mais confeccionado é o balaio de taquara, por ser uma região onde predomina a taquara mansa e o taquaruçú. Já o cipó é pouco utilizado por ser difícil de encontrar essa matéria prima, mas também são confeccionados pequenos balaios, principalmente vasos.

Infelizmente nos dias de hoje, o nosso artesanato kaingáng, não está sendo fabricado com frequência como era antigamente. Em tempos passados, o povo kaingáng dava grande importância e valorizava a arte da nossa cultura. Hoje os balaios e outros artesanatos são visto como úteis, mas possivelmente não mais com o mesmo valor cultural, pois antes eram utilizados para usos diários na aldeia, como por exemplo, na colheita, na caça e na pesca. Hoje em dia, se fabricam mais para a comercialização nas grandes cidades em busca de alimentos para o sustento. São confeccionados diversos tipos de artesanatos como arco, flecha, tuia, cestos, colares, cocares, com a proposta da confecção para venda, no intuito de trazer o sustento familiar.

Essa comercialização de artesanatos vários é feita especialmente nas cidades, e apenas o balaio que algumas famílias continuam confeccionando diariamente para seus usos particulares. Estes artesanatos kaingáng são resultado dos trabalhos feitos a mão, e que podem ter diversas finalidades: utilitárias, estéticas artísticas, todas vinculadas a nossa cultura tradicional. O artesanato é visto também como uma identidade das pessoas comparada como um selo que diferencia uma cultura da outra.

Nosso artesanato kaingang é conhecido pelas cores vivas que cada artesanato possui. A cor vermelha e forma redonda, segundo nossa tradição, esta ligada a marca tribal kairu. A cor preta de forma comprida, esta ligada a marca tribal kame. Já aqui percebe-se uma diferença com os balaios feitos pelos Guarani, pois nos usamos a cor vermelha e preta e

também outras cores, e os Guarani usam mais o preto. Além disso, o trançado do balaio kaingang é bastante separado, já o dos Guarani é bem mais fechado.

A cultura de um povo é considerada como um código que ao mesmo tempo é compartilhado por homens, mulheres e crianças do mesmo grupo através da cultura o povo dá significado a vida e ao mundo. Como disse Balivian (2011:16),

“o balaio ou cesta significa várias direções dos pensamentos exige uma concentração no momento em que o kaingang está confeccionando. Se a pessoa está irada ou com mal-estar, quando trança a cesta esquece tudo que está acontecendo”.

O artesanato tradicionalmente é considerado como uma atividade familiar onde o artesão trabalha junto com sua família possuindo assim o meio de produção do artesanato, e toda a família trabalha unida desde o preparo da matéria prima até o acabamento.

## 2.1. Dualismo, marcas e pinturas kaingang

Os kaingáng são um povo, todos pertencentes a uma sociedade organizada em metades clônicas exogâmicas. Essas metades mitologicamente são conhecidas como kame e kanhru. Todos os objetos como (cestos, peneiras), e animais (tigre ,macaco, cobra) são também membros de uma metade. Neste sentido, para cada uma dessas metades existe uma pintura corporal diferenciada. A metade kame possui a pintura de risco e, a kanhru do círculo, segundo a tradição os kame devem casar-se somente com kanhru e, os filhos são pintados de acordo com a pintura corporal do pai, seja ele (risco, círculo). Assim sendo, os kame entre eles são considerados irmãos, assim como os kanhru, por isso não pode haver o casamento entre as pessoas da mesma pintura. Diante disso podemos ver que os grafismos presentes nos artesanatos pertencem a uma outra metade de acordo com a descendência de cada artesão.

### METADE KANHRU(MARCA REDONDA)



## METADE KAMÉ (MARCA COMPRIDA)



Conforme o relato da acadêmica Tâmara Mineiro (2014: informação pessoal), residente na T.I. Guarita e também acadêmica do curso de licenciatura, podemos também decifrar esta marca não só com os animais, mas observando as folhagens das árvores, a folha comprida kamê e a folha redonda kanhru.

Segundo Luciano Fernandes acadêmico da licenciatura indígena da UNO Chapecó, também uma das maneiras de diferenciar as duas metades kamê e kanhru e pela unha: se a pessoa tiver a sua unha cumprida ele e da metade kame, se acontecer da pessoa ter a unha redonda ela e kanhru, assim acontece com cada artesão que confecciona o balaio, uma das virtudes é de sempre fazer o artesanato de maneira com que cada metade fazia no passado com os próprios grafismos de sua metade.

Assim mesmo, os balaios cumpridos pertencem a metade kame, e os cestos baixos ou redondos pertencem a metade kanhru.



CESTOS COMPRIDOS OU LONGOS (PERTENCEM A METADE KAMÉ)



## CESTOS REDONDOS OU BAIXOS (PERTENCEM A METADE KANHRU)



Seu Vicente fókaj Fernandes, avo paterno do Marcos Fernandes, contava uma historia muito interessante que relaciona, os diferentes tipos de cestos (cumprido e redondo) com as metades. Antigamente existia o mico (kajër) e o tigre (mĩg mág), nas épocas de plantaço o tigre sempre fazia sua roça de milho, quando chegava a época de milho verde sempre sua roça estava destruída, mas ele não sabia que era seu compadre kajër que sempre nessas épocas de colheita confeccionava um balaio para realizar suas travessuras para seu compadre e levar o balaio cheio de milho para toda sua família, o compadre kajër era muito preguiçoso não

gostava de trabalhar só gostava de travessuras. Mas um dia mĩg mág resolveu investigar e descobrir quem era o animal que fazia aquilo com ele, então confeccionou um cesto grande e levou no meio de seu milharal e escondeu-se embaixo do cesto e ficou quase toda a noite inteira e quando estava quase clareando o dia o mĩg mág escutou barulho e ficou atento quando saiu debaixo do cesto pegou seu compadre kajẽr colhendo seu milho verde, e os que ele não conseguia carregar ele jogava ao chão, então mĩg mág deu uma surra no kajẽr que nunca mais ele esqueceu e nunca mais ele fez travessuras para seu compadre, e nem desce mais das árvores para fazer travessuras com ninguém mais.

## 2.2. Modos de fazer as cestarias, matérias primas e o tempo.

Para nós kainhgag, todos precisamos conhecer esse conteúdo que esta por trás do contexto do artesanato. Nele tudo esta relacionado à natureza e assim torna-se tudo sagrado. Trata-se da nossa natureza, que para nós kaingang, é muito sagrada: ali encontramos grandes valores que são utilizados em diferentes formas. Dentre esses valores estão as plantas que são utilizadas para o artesanato. A natureza sempre esteve trazendo para nós povos indígenas grandes valores culturais, que nos encontramos nos grandes conhecimentos de nossos kofa. Muitas de nossas famílias vão pra muito longe buscar a matéria prima para a confecção do artesanato. Quando vamos ao mato a procura da matéria prima, precisamos primeiro saber que não é só ir no mato e cortar a qualquer planta ou arvore, temos que prestar atenção na regeneração natural. Sabemos que a reprodução da taquara ocorre cada 30 anos, assim estas sementes caem e dão continuidade as suas germinações. Segundo o Sr. Cezario Pacifico, artesão de nossa comunidade, quando a gente vai buscar a taquara no mato, temos que tomar cuidado para ela não ser cortada de qualquer maneira, tem que ser cortada corretamente, e também temos que respeitar as fases da lua. A taquara deve sempre ser extraída nas épocas de lua minguante porque e época em que a taquara e mais resistente, se ela for cortada em outra época o balaio vai mofar ou carunchar, se não for nessa lua especifica os carunchos acabam roendo todo o balaio.

Ha uma informação interessante em relação ao ciclo da taquara. Tem umas famílias que cortam no tempo da floração da taquara que é vista com uma forma de contar o tempo podendo ser chamado como calendário kainhgag. Contam nossos kófa que antigamente quando não havia calendário, eles calculavam suas idades contando a floração da taquara, que acontece a cada 30 anos, então quando acontecia a primeira floração eles sabiam que estavam com 30 anos de idade, e assim continuavam contando, até a próxima floração.

Voltando ao processo de fabricação, nós precisamos acompanhar o calendário das luas, com atenção as fases da lua, pois só assim acaba-se trazendo para casa uma taquara macia. Também não podemos esquecer que muitos da nossa comunidade procuram o cipó guambé para fazerem os vasilhos. Essas plantas são trepadeiras, que se desenvolvem nos troncos de arvores e devem ser cortadas pelas raízes. Junto a essa mesma matéria prima encontramos o cipó da casca grossa, o cipó amarelo, o cipó casca fina e o cipó rasteiro. Nós buscamos essa matéria muito longe da nossa comunidade, sabemos que é um grande desafio

mas devemos dar respeito a essa possibilidade de sustento as nossas famílias a partir desses grandes conhecimentos. Não queremos que tudo isso um dia acabe se sumindo, caso contrario será uma grande necessidade para a nova geração.

Mas todas essas diversidades são importantes para nossas vidas isso que sempre teremos que dar valor a essas plantas que nos dão sustentabilidade, cada dia que passa essas plantas aos poucos estão se sumindo por isso a arte de preservação é muito importante para as nossas matas e meio ambiente.

A cestaria especificamente o balaio tem sua matéria prima plantada dentro das Terra Indígena, ela é cuidada por motivo da confecção dos balaio. Esta matéria prima esta resistindo alguns desmatamentos que ainda assolam as comunidades. A matéria prima hoje ela e extraída na beira dos riachos onde ela deve permanecer sempre úmida para sua sobrevivência, depois de cortada, a taquara passa por um processo de avaliação. Se ela esta de em ótimo estado de conservação, não pode ser danificada nem seca, para ela ser utilizada. As taquaras, são cortadas em pedaços conforme a sua grossura e pensando no tamanho do balaio, mas geralmente é cortada com três metros de comprimento, não esquecendo que ela só deve ser retirada na lua minguante. Depois de feito os preparos começa a raspagem para que ela fique macia e mais eficiente no processo do trançado. Logo após esse trabalho que é feito com as taquaras, são todas destaladas, e é retirada apenas a primeira camada, esta que protege a taquara dos climas frios, secos e chuvas. O próximo passo e enrolar a taquara já destalada, e no final da tarde, coloca-se no fundo de um riacho para ela ficar macia e limpa. No dia seguinte, bem cedo, como de costume do artesão kangang, começa então o processo de seleção de algumas taquaras destaladas para tingir, ou seja pintar, conforme o grafismo que o artesão ira desenhar no balaio. A taquara mais usada para a confecção do balaio e a taquara brava, mais conhecida como taquaraçu, ela é chamada de brava porque ela tem uns espinhos e o artesão pode acabar se machucando ao encostar nestes espinhos. A taquara mansa tem este nome porque ela não tem espinhos.

Antigamente os grafismos do balaio kaingang era apenas com preto e vermelho que eram as cores das duas metades kamẽ e kanhru. Este vermelho era encontrado num cipó do mato, e o preto era do nó do pinheiro. Esta madeira era queimada e colocada aos poucos no pilão, juntamente com uma quantia de água, em seguida as taquaras eram jogadas dentro desse pilão para que fossem tingidas, lembrando que o tingimento ocorria uma cor de cada vez.

Na atualidade, em nossas comunidades na terra indígena Xaçecó, começou uma inovação nas cores em que são feitos os grafismos do balaio, com tintas que não precisam ser colhidas em matérias primas da mata ciliar existente na aldeia. Com a diversidade de cores o balaio fica bonito mas não é de acordo com as cores principais da cultura artesanal kaingang. Quando se trata em cores no artesanato kaingang isso é preocupante pois, isso confunde as pessoas que adquirem estes materiais com várias desconfianças.

De acordo com o professor de língua kaingang, Valmor de Paula, (2014, comunicação pessoal), antigamente esses artesanatos eram confeccionados somente com matéria prima, mas que nos dias de hoje a maioria dessas confecções são feitas com matéria artificial. O cipó guaimbe que antigamente era usado como barbante para as amarrações, hoje não existe mais, por isso tem que ser comprado o barbante artificial. Na visão do professor, a matéria prima está ficando muito escassa.

Podemos contemplar a tristeza do professor ao falar que nossa cultura no dia de hoje está sendo esquecida e muito mal valorizada pelo nosso próprio povo, falava ele também que infelizmente o capitalismo nos dias atuais está dominando tudo ao nosso redor, como diz ele “O CAPITALISMO ESTÁ DOMINANDO OS PEQUENOS.”

Os artesões geralmente vêm de família, avós ensinam seus filhos e no futuro seus netos também serão ensinados a fazer todo tipo de balaio existente do povo kaingang. Todas as pessoas que confeccionam o balaio na terra indígena Xaçecó, falam fluentemente a língua kaingang. Isto significa que estas pessoas, apesar de tudo, não deixaram sua cultura ou tradição de lado. Há vários costumes entre os artesões e cada um tem seu jeito quando está confeccionando seu balaio. Uns fumam cigarros de palha para os espíritos da mata os guiarem para sair o formato do grafismo certo como era o de antigamente. Cada um tem seus lugares sagrados na mata, ali eles permanecem do início até o acabamento da sua confecção.

Não podemos esquecer ainda das mulheres que muitas vezes produzem seu artesanato na cidade, onde acontece sua venda. Elas já trazem quase todo o seu material preparado para seu trabalho. Antigamente ambos os sexos produziam o balaio (cestaria). Cada um partia para a mata para sua colheita de matéria prima, isso acontecia por necessidade, tinha que sair atrás de tudo, era o maior meio de sustento de sua família naquele tempo.

“Um aspecto que caracteriza as famílias indígenas kaingang é a sua estreita e criativa relação com a natureza, em especial, com as plantas utilizadas para o artesanato”(BALIVIAN, 2011:115)

Na Terra Indígena Xaçepó, dentre as matérias primas para a confecção de alguns artesanatos indígenas que ainda existem estão a taquara mansa e o taquaraçu. Na mata ciliar que ainda tem, as taquaras são a maior parte, estão localizadas no entorno da aldeia e na beira dos rios. Sua coleta é feita pelos mais novos da comunidade, netos e filhos de artesões que confeccionam artesanatos.

Segundo o artesão Cezário Pacifico, antigamente o balaio era feito para carregar alimentos como feijão, milho e outros mantimentos, mas nos dias de hoje estes balaios e cestos são confeccionados para a comercialização, já que todos os alimentos já vem prontos do mercado para serem consumidos.





Sr. Cezario Pacifico

O Sr. Cezario Pacifico fala de sua grande tristeza ao perceber que os jovens não dão muito valor para a nossa cultura, e por esse motivo afirma ele que aos poucos nossa cultura esta se acabando.

“Eu sinto que se estes novos não ir atrás tomar um ensinamento, então não foram atrás de ter aprendido um pouco, pra mim não fica bom né, fico muito triste.”



### **3. As matérias primas**

#### **3.1. O Cipó**

O cipó é uma das matérias primas que antigamente era bastante utilizada na confecção dos artesanatos kaingang, quase em todos: no anel, balaio, vasos, chapéu, e também em armadilhas para caça e pesca. Hoje esta matéria prima está sumida em virtude do desmatamento que acontece com frequência na T.I. Xapecó, não é fácil encontrar, ele é chamado de cipó guembe. Hoje são confeccionados muitos artesanatos com essa matéria prima, principalmente os vasilhinhos. Quando na cidade, as mães e pais confeccionam, e a comercialização fica por conta das crianças.

#### **3.2. A Taquaraçu**

A taquaraçu é bastante utilizada pelos artesãos que ainda confeccionam balaios na aldeia. Antigamente era difícil de encontrar porque havia muitos artesãos na comunidade e todos confeccionavam o balaio e outros artesanatos em que se utilizava a taquara, a pessoa que colhia percorria quilômetros para encontrar a taquara, colhiam bastante para fazer estoque até a outra lua. Hoje, com menos artesãos, a taquaraçu é bastante predominante nas matas que existem ainda na aldeia.

#### **3.3. Taquara mança**

A taquara mança é utilizada para a confecção de balaios pequenos e médios, seja para lembranças, seja para presentes. Esta taquara sempre cresce na beira dos rios, e ela é mais frágil do que os outros tipos de taquara. Esta taquara é utilizada nos artesanatos mais delicados por ela ser lisa e ao mesmo tempo frágil. Por ela ser lisa se torna mais fácil de destalar.

#### **4. Considerações finais: a importância do artesanato na T.I. Xaçecó**

Ao encerrar essa pesquisa sobre A IMPORTANCIA DO ARTESANATO NA TERRA INDIGENA XAPECO, percebemos que nossos kofa dão grande valorização ao artesanato. Também a traves das conversas pessoais que tivemos com os colegas, ficou bem claro o grande interesse por nossa identidade, de estar sempre mantendo viva a nossa cultura que essa é nossa por direito. Tivemos oportunidades de conhecer e conversar com grandes artesãos de nossa comunidade, que ao mesmo tempo que confeccionam seu balaio, sua tuia, seu cesto, eles se preocupam com as devastação nas nossas aldeias com as matérias primas. E isso é gratificante saber que ainda temem por nossas matas, sabemos que não podemos mudar o que temos hoje mas com toda a certeza podemos construir um futuro melhor. Cada povo tem suas dificuldades mas juntos podemos encarar com garra, sem deixar outras pessoas nos dominarem por suas sabedorias e autonomia, pois sabemos que isso nós também temos de sobra. Porque se lutarmos juntos por nossa cultura sabemos que teremos um amanhã e um futuro de novas gerações culturais preservadas. Sabemos que sem o esforço da busca será impossível a alegria da nossa vitória, e quanto a nossa pesquisa podemos dizer que tiramos grandes aprendizados sobre a preservação do nosso artesanato, onde essa sustentabilidade fornece a todos nós kaingang. As entrevistas com nossos artesãos e colaboradores nos possibilitou grandes contribuições para melhor desempenho e finalização do nosso trabalho, pois assim, de uma forma ou outra, contribuiu para termos novos conhecimentos do que já tínhamos a respeito do nosso artesanato em nossas comunidades.

Essa pesquisa demonstra mais um pouco da nossa realidade cultural na terra indígena Xaçecó.

## **Bibliografia**

BALIVIÁN, José Manuel P. Palazuelos. 2011. *Artesanato Kaingang e Guarani*. São Leopoldo, RS: Editora Oikos.

## Anexos



Cesto kanhu: reconhece-se pelo grafismo em forma de círculo nas áreas de cor.



Outros artesanatos: enfeites para colares e brincos.



Outros artesanatos: enfeites para colares e brincos.





Trançado de balaio com taquara mansa.



Outros artesanatos: arcos com escrita feita com cipó guambé.





Balaios kanhru e kamé: O balaio kamé é o maior, com uma franja intermédia de grafismos amarelos que não fazem forma de círculo. Os dois balaios menores são kanhru, note-se que a franja central neles desenha os círculos que são a marca dos kanhru.



Tuia kaingang, feita por artesão kanhru.



Enfeites para casa.